

## **SÓ MESMO UM PERSONAGEM:**

**Francisco Alvim**

*Para medir o mundo? Ou me medir no mundo? O mundo é imenso; eu sou pequeno... Fazer com que ele soe? Ele soa por si e não me ouve. O mundo é surdo, e mudo; e, de quebra, cego. Por amor; por desamor? Medo, pavor? Convívio com o muro, com a falta de ar? Com portas que não se abrem? E quando se abrem, para o quê? Me distrair, me iludir; iludir... Estilhaçar-me: caco, pedaço. Esfrangalhar-me: frangalho de roupa arquiusada, se desfazendo. Lapso de um ritmo. Batuque. Abstração? Cemitério marinho, jovem parca? Nenhum sentido. Talvez um tango argentino. Bandeira no consultório. Foto do Jânio com os pés revirados. Por vaidade. Afinal ... Por gosto do patético. De cutucar a ferida com unha curta e grossa. Porque o outro não existe e, de fato, maltrata. Para contrariar o Sartre. Que liberdade? Dizer: estou vivo; ele - o outro - também? Dourar esta pírula com o doce veneno da literatura, aquela do que o resto é. Oposição à linguagem? Busca do conteúdo? Precisa de embocadura... Saudades de Rosa, Clarice, João, Pedro Nava. No circo esvaziado, lançar-se no espaço sem o trapézio e a rede por baixo. Repetir ad nauseam a falsa e grande manobra. E bradar aos quatro ventos que ventam: me ouçam!*

Mas ouvir o quê, forasteiro?

